

TRAVESSIAS
-ARTE CONTEMPORÂNEA NA MARÉ

TRAVESSIAS

TRAVESSIAS
-ARTE CONTEMPORÂNEA NA MARÉ

EXPOSIÇÃO
INTERVENÇÕES URBANAS
VÍDEOS
PERFORMANCES
OFICINAS
PALESTRAS
SHOW

DE 26/11 A 18/12/2011
TERÇA A SEXTA, 10H-18H
SÁBADO E DOMINGO, 12H-20H

GALPÃO BELA MARÉ. RUA BITENCOURT SAMPAIO, 169,
MARÉ. ENTRE AS PASSARELAS 9 E 10 DA AV. BRASIL.

WWW.BELAMARE.ORG.BR

SU
MÁ
RÍO

BELA MA RÉ <hr/> 6	ALEXANDRE S Á <hr/> 13	LU CI A KOCH <hr/> 20	ROCHELLE CO S TI <hr/> 27
TRAVESSIAS (TRAVESSURAS) DA ARTE NA VIDA URBANA E CONTEMPORÂNEA JAILSON DE SOUZA E SILVA	ANDRÉ KOMA T SU <hr/> 14	MARCELO CI DA DE <hr/> 21	PANDILLA FOTO GRÁFICA <hr/> 28
	ASSUME VIVID ASTRO FOCUS <hr/> 15	MARCOS CH AV ES <hr/> 22	DAVI MA RC OS <hr/> 29
TR AV ES <hr/> SIAS 9	CH EL PA <hr/> FERRO 16	MATHEUS ROCHA PITTA <hr/> 23	OFICINA DE MÓV EIS <hr/> 30
DANIELA LABRA FREDERICO COELHO LUIZA DUARTE	EMMANUEL NAS S AR <hr/> 17	MI CH EL GROISMAN <hr/> 24	PR OGRA MAÇÃO <hr/> 34
	FILÉ DE PEIXE <hr/> 18	RAUL M OU RÃO <hr/> 25	E Q UI PE <hr/> 37
ART IST AS <hr/> 12	HENRIQUE OLI VE IRA <hr/> 19	RICARDO CA RI OBA <hr/> 26	FI CHA TÉCNICA <hr/> 43

BELA MARÉ

TRAVESSIAS (travessuras) da arte na vida urbana e contemporânea

A Maré é a maior favela da cidade do Rio de Janeiro, reunindo, de acordo com o Censo do IBGE de 2010, 130 mil pessoas. Batizando uma das dezesseis comunidades locais, o seu nome deriva do fato de grande parte daquele território urbano ter sido construído margeando as águas da Baía de Guanabara. A Maré foi construída por pessoas de diversas origens, dos mais variados cantos do país e do Rio de Janeiro, o que lhe confere uma riqueza cultural e uma miscigenação extraordinárias.

A favela, todavia, permanece no imaginário carioca como um espaço dominado pela violência, pelo desconhecimento do cotidiano do seus moradores e por um conjunto de preconceitos de variadas ordens. Nesse sentido, como o simbólico é um elemento central na instituição do real, as representações centradas nesse “paradigma da carência, precariedade e criminalização” terminam por orientar um conjunto de práticas, em especial as políticas públicas, que não garantem os direitos fundamentais dos moradores locais. Superar, portanto, essas representações é um desafio fundamental para a construção da cidade que as pessoas buscam realizar em seu cotidiano. O Observatório de Favelas e a Redes de Desenvolvimento da Maré, dentre outras organizações ali localizadas, têm como foco a construção de iniciativas que permitam, justamente, a construção dessa *polis*.

O projeto BELA MARÉ ocupa um espaço central nessa estratégia de intervenção na realidade carioca. Ele se materializa, de forma inicial, na construção de um Centro Cultural localizado na Comunidade de Nova Holanda, na Maré. O BELA nasce como um espaço de formação, produção e difusão artística, de modo que novos encontros estéticos e sociais possam ser afirmados na favela e na cidade.

A primeira iniciativa do BELA MARÉ é o TRAVESSIAS – Arte Contemporânea na Maré. De fato, as artes visuais, em grande medida, são uma das principais formas de estabelecimento das hierarquias estéticas na cidade. A imensa maioria da população não tem acesso a esse tipo de obra, não se relaciona com ela e carrega o sentimento de que ela é incompreensível. Realizar um evento desse porte na maior favela do Rio de Janeiro significa criar pontes simbólicas e materiais para que os diferentes sujeitos da metrópole possam construir inovadores canais de comunicação, de variadas ordens e escalas.

O próprio fato de seus realizadores serem tanto organizações localizadas na Maré como de espaços distintos da cidade, tais como Espiral e Automatica, materializa essa proposta cultural e política.

A partir, então, da reunião desse leque abrangente de artistas, curadores, estudantes, jovens, idosos, universitários, trabalhadores, seres plurais e humanos, acima de tudo, estamos propondo a construção de caminhos de partilha, de vivência e de novas significações das artes e dos territórios da cidade. Isso, acima de tudo, é que alimenta a caminhada das organizações e pessoas aqui reunidas, com a certeza de que a arte é um instrumento central na afirmação da humana cidade que temos e somos, de forma integrada e plena.

Jailson de Souza e Silva

Coordenador Geral do Observatório de Favelas

TRAVESIAS

Apesar de bem-sucedida e apreciada por cada vez mais pessoas, a arte contemporânea realizada por artistas brasileiros permanece plena de desafios. Muitas vezes inadequada às instituições públicas e privadas, outras vezes isolada por plateias pequenas e repercussão escassa, a produção artística desse início de século XXI nos convida a pensarmos questões mais amplas do que podemos supor. Como entendê-la no conjunto de uma cultura *comum* a todos e não como um nicho específico de iniciados? Como estender sua potência renovadora e seus questionamentos críticos para além dos jogos teóricos, indo direto ao entendimento do cidadão? Aliás, é essa uma de suas funções? Ilustrar, explicar, tematizar? Ou deflagrar processos poéticos e críticos para o pensamento e a sensibilidade? Por fim, deve a arte contemporânea se comunicar com o maior número possível de audiência (pensando com cuidado, sempre, a questão da quantidade de público, que em nada tem a ver com o tempo do público nas exposições) ou deve permanecer altamente apreciada entre poucas esferas da comunidade criativa do país?

Um dos primeiros objetivos do projeto TRAVESSIAS vai no cerne desses desafios ao partir do seguinte ponto: as artes visuais no Brasil podem fazer parte de um campo mais generoso da cultura brasileira. A arte contemporânea, feita em suportes e de propostas os mais diversos, cuja rejeição e preconceitos reduzem sua intensa produção a um lugar-comum – e errôneo – de superficialidade e pedantismo, deve ser incluída nas bases mais amplas da cultura popular urbana do século XXI. Uma cultura que incorpora vorazmente a tecnologia e os novos tipos de informação estética provenientes da web. Uma cultura que apresenta novas ferramentas críticas e não vê mais a criação artística como um horizonte distante. A cultura brasileira de hoje desloca o olhar condescendente do folclore ou do improviso e afirma sua vocação para constituir seus próprios meios e ideias de produção, circulação e consumo. Ao aproximar os desafios das artes visuais com as novas possibilidades criativas que estão surgindo para as populações de baixa renda, a travessia que o projeto propõe não é apenas geográfica. Atravessar os extremos sociais da cidade sem atravessar os extremos das ideias fixas e dos conceitos fechados em certezas torna toda a viagem inútil.

Como pensar essa produção desafiadora fora dos espaços destinados tradicionalmente pela sociedade para sua circulação rara e restrita? Ao levar uma exposição de arte com alguns dos principais

nomes da nossa produção contemporânea para um galpão nas margens da Avenida Brasil, dentro do Complexo da Maré, o que está em jogo não é apenas um novo espaço a ser estabelecido. Está em jogo também a aposta na amplitude das possíveis conversas que a arte pode travar com a sociedade. Para todos os lados, para quem está se deslocando até a Maré. Para quem, na Maré, se interessar em ter contato com essa produção. Trata-se de apostar que a abertura crítica de linguagens e discursos provocada pelas obras apresentadas possa se expandir até a abertura de canais de comunicação com outros públicos, mais amplos e majoritariamente afastados do cotidiano das instituições e mercados que divulgam a arte contemporânea.

A escolha dos artistas é resultado de um processo coletivo de seleção por parte da curadoria, derivada de um entendimento comum sobre a ocupação orgânica desse novo espaço. São nomes cujas obras plurais experimentam diferentes possibilidades de ação, como a exploração do território expositivo, performances, vídeos, esculturas, intervenções arquitetônicas e urbanísticas, mobiliários, instalações, shows e outros trabalhos que podem aparecer ao longo do período da exposição. Além disso, os nomes foram pensados em grande parte a partir da qualidade de suas ações e do diálogo – crítico, e não óbvio ou panfletário – de suas propostas com o território e a produção de saberes e fazeres próprios ao contexto da exposição.

A articulação da arte com a vida cotidiana de uma região da Maré passa por isso que estamos chamando de aposta em um diálogo possível e perene entre o que sempre foi visto como distante e os que sempre foram postos à distância desse universo. Avesa à cultura de massa, em boa parte pela perspectiva conservadora da crítica que a descreve e não pelos artistas que criam e pensam as obras, a arte contemporânea tem no sucesso do projeto TRAVESSIAS um amplo espaço de ação para se inaugurar.

Daniela Labra, Frederico Coelho e Luisa Duarte
Curadores

Alexandre Sá é doutorando e mestre em Linguagens Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ e licenciado em História da Arte pela UERJ. Trabalha como artista plástico e poeta, lidando com diversas linguagens: performances, instalações, textos críticos e vídeo. Participou de exposições nacionais e internacionais, entre as quais: Performance Presente Futuro Vol. II, Oi Futuro, Rio de Janeiro (2009); Nano Exposição, Artist Space, Studio 44, Suécia (2009); OÙ Sommes-Nous?, Escola de Belas Artes de Montpellier, França (2006); L'Age d'Or et le Brésil, Escola Nacional Superior de Fotografia de Arles, França (2006); e Instalativa 1.6 (Pocket Version), Posição 2004, Parque Lage, Rio de Janeiro (2004). Desenvolve com regularidade trabalhos em vídeo e, recentemente, vem realizando trabalhos como curador, dos quais se destacam: Arte Muito Especial, Museu do Estado, Recife (2011); Obras Completas, com Guilherme Bueno, EAV Parque Lage, Rio de Janeiro (2009); e Jardim das Delícias, Galeria do Lago, Museu da República, Rio de Janeiro (2006). Atualmente, faz parte da Comissão de Seleção de Projetos da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, é coordenador do curso de Artes Visuais da Unigranrio e professor do CAP da UERJ. Tem diversos textos publicados em revistas especializadas.

O artista é preocupado com teorias da arte, da sociedade, da ética e da estética, tendo seus trabalhos um viés bastante conceitual. Entretanto, não se pretende hermético, e por isso, além do pensamento, sua obra promove ações performáticas que envolvem o público como espectador-participante.

Em TRAVESSIAS, o artista irá realizar a performance-intervenção *A revolta do invólucro - Última versão*. Nessa ação, Alexandre Sá convida o público a literalmente enroscar o ambiente e a si próprio em sete rolos industriais de plástico bolha. A proposta, aparentemente singela, desdobra-se em uma vivência lúdica de resultado estético potente, porém suave, para quem observa ou participa.

André Komatsu nasceu em São Paulo em 1978. Participou de diversas exposições individuais e coletivas nacionais e internacionais. Entre as mais recentes individuais, estão Acaso por Intenção, Galeria Vermelho, São Paulo, e Concreto/Periódico, Galerie Natalie Seroussi, Paris, França, ambas em 2010. Participou também de coletivas como The Natural Order of Things, Max Wigram Gallery, Londres, Inglaterra (2011); 8ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre (2011); The Peripatetic School: Itinerant Drawing from Latin America, Drawing Room/MIMA, Londres, Inglaterra (2011); Para Ser Construídos, MUSAC, Leon, Espanha (2010); e Ponto de Equilíbrio, Instituto Tomie Othake, São Paulo (2010).

O trabalho de André Komatsu mescla uma experiência do homem que percorre a cidade, recolhe suas ruínas e constrói a partir disso novas funções para aquilo que estava condenado ao esquecimento, lixo, entulho, ruínas. Construir a partir da desconstrução é uma forma de operar típica de sua obra. O resultado pode se dar em instalações, objetos ou delicados desenhos sobre pedaços de concreto. Sempre remetendo, de forma crítica, à origem desses vestígios. A essa maneira de pensar e realizar seus trabalhos, juntaram-se nos últimos anos as ideias de acaso e acidente.

Tais ideias encontram na favela da Maré um campo fértil para o pensamento. Desde os puxadinhos, as gambiarras, ao uso do espaço público que se confunde com o espaço privado, no qual ruas e calçadas se misturam, para onde se olha existe uma força criativa de invenção – “da adversidade vivemos”. Não se trata de romantizar ou idealizar tais operações, mas notar a potência ali existente. O trabalho X/Y/Z é uma escultura/instalação que pode ser vista como mais um passo de Komatsu em sua trajetória marcada, em vários momentos, pelo uso de materiais do universo urbano e da construção, no qual uma estrutura é erguida tendo como eixo acidentes, acasos, tal como os “puxadinhos”, que geram um insuspeito equilíbrio. Arriscando um contraponto, a instalação de André Komatsu evoca o andar pelas ruas da Maré, experiência que traz, para aquele que não a conhecia, um novo prumo, um outro jeito, um equilíbrio improvável e inventivo.

Assume Vivid Astro Focus (AVAF) é uma dupla composta pelo brasileiro Eli Sudbrack e o francês Christophe Hamaide-Pierson, e que atua desde 2000. Realizou as seguintes exposições, entre outras: Abra Vana Allucinete Fogo, Casa Triângulo, São Paulo (2006); Open Call, Kunsthalle Wien, Viena, Áustria (2006); The Garden Party, Deitch Projects, Nova Iorque, EUA (2003); Absorb Viral Attack Fantasy, Hiromi Yoshii, Tóquio, Japão (2006); Assume Vivid Astro Focus XVI, Galeria Massimo de Carlo, Milão, Itália (2005); Ecstasy: In and About Altered States, Museum of Contemporary Art, The Geffen Contemporary, Los Angeles, EUA (2005-2006); Assume Vivid Astro Focus XII, Tate Liverpool, Liverpool, Inglaterra; Assume Vivid Astro Focus XIX, Hotel, Londres, Inglaterra (2007); Assume Vivid Astro Focus XX, Galerie Art: Concept, Paris, França (2007); Off the Wall Series, Indianapolis Museum of Art, Indianápolis, EUA (2005); Assume Vivid Astro Focus XIV (em colaboração com Elmgreen e Dragset), Galeria Massimo de Carlo, Milão, Itália (2005).

Eli foi escolhido por Rei Kawakubo, diretora criativa da grife Comme des Garçons, para assinar a identidade visual da marca ao longo de 2011. Trabalhou também com a marca Melissa na criação do lounge da última edição do São Paulo Fashion Week e de uma sandália exclusiva. Neste mesmo ano, o coletivo AVAF desenvolveu a campanha para o Natal 2011 da loja de departamento americana Barney's.

A obra de Eli Sudbrack é marcada pela apropriação de uma iconografia pop – da Tropicália ao Carnaval, de ícones da música a ícones da arte, passando pelo cotidiano mais rico despercebido. Por meio de seu coletivo AVAF, o artista construiu uma obra feita a partir do ato de olhar, colecionar, editar e reunir diversas vozes em torno da criação e da fruição. O outro tem papel fundamental na poética do artista. No trabalho realizado para o TRAVESSIAS, todos esses aspectos estão presentes.

A obra consiste em um grande teto rebaixado feito de garrafas de detergente produzidas e vendidas nas ruas da Maré, uma estrutura similar àquela utilizada pelos vendedores. O artista coloca em cena o uso das cores e a apropriação de um objeto popular, ordinário, dando a ele um lugar insuspeito e sublinhando sua inesperada beleza. O teto colorido, derivado das diversas cores de detergente, nos lembra a paisagem repleta de informações e invenções típica da favela.

Chelpa Ferro é um coletivo multimídia baseado no Rio de Janeiro, existente desde 1995 e formado pelos artistas Barrão, Sergio Mekler e Luiz Zerbini. Entre suas exposições individuais, destacam-se: Jungle Jam, Aldrich Museum, Connecticut, EUA (2011); Spaceman / Caveman, Exposição ECO, Estação José Ermírio de Moraes, Recife (2011); Batalha Pocket, Galeria A Gentil Carioca, Rio de Janeiro (2010); Chelpa Ferro, Galeria Progetti, Rio de Janeiro (2009); Totoro, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo (2009); Acusma, Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte (2008); Jardim Elétrico, Galeria Vermelho, São Paulo (2008); Jungle Jam, MAM, Salvador, e Caixa Cultural, Rio de Janeiro (2008); e On Off Poltergeist, Meskalito Gallery, Londres, Inglaterra (2007). Participaram também, nos últimos anos, das coletivas Microfônico, 7ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre (2010); Arquivo Contemporâneo, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (2009); e Performance Presente Futuro, Oi Futuro, Rio de Janeiro (2008). Realizaram, em 2011, entre outros, shows no Aldrich Museum, Connecticut, EUA e Tudo é... Brasil, em Florença, Itália.

Suas pesquisas se dão principalmente no universo de obras audiovisuais a partir do qual realizam esculturas, objetos sonoros, vídeos, videoinstalações e performances multimídia.

Suas ações em geral aliam situações de estranheza visual com sonoridades eletrônicas potentes e distorcidas. Ainda que grandiosas e espetaculares, as experiências audiovisuais do Chelpa Ferro se caracterizam justamente por buscarem o outro lado da cultura pop de massa, de estética fácil e pouca ressonância crítica. Nesse sentido, as obras, em especial as performances e videoinstalações, podem surpreender o público como verdadeiros terremotos sensoriais.

Para TRAVESSIAS, o grupo faz uma apresentação multimídia inédita no encerramento do evento, com ruídos eletrônicos hiperamplificados e imagens desorientadoras que irão fazer o chão da Maré tremer.

CH
EL
PA
F
E
R
R
O

Emmanuel Nassar nasceu em Capanema, no Estado do Pará, em 1949. Graduou-se em Arquitetura pela Universidade Federal do Pará.

Ao longo de sua carreira, realizou diversas exposições individuais, inclusive a 20ª Bienal de São Paulo em 1989 e a 24ª Bienal de São Paulo em 1998, a coletiva UAB-C, Stedelijk Museum, Amsterdã, entre outras. Fez parte da representação brasileira na Bienal de Veneza de 1993. Em 2003-2004, realizou a retrospectiva A Poesia da Gambiarra, com curadoria de Denise Mattar, nos CCBBs do Rio de Janeiro, de Brasília e de São Paulo, e no Instituto Tomie Ohtake. Tem obras em acervos do Museu de Arte Moderna de São Paulo, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Museu do Estado do Pará e University Essex Museum na Inglaterra.

Emmanuel é um dos artistas de mais longa trajetória a participar de TRAVESSIAS. Sua obra é admirada por traduzir a riquíssima visualidade pop-popular de festas e feiras brasileiras, geralmente utilizando materiais comuns, que são também empregados na decoração desses lugares e eventos. Nassar investiga o potencial estético contido na justaposição de materiais precários, mal-acabados, de cores vivas e que sutilmente remetem ao imaginário urbano popular, extraindo deles pura poesia visual. Seu trabalho muitas vezes se apoia no mínimo de recursos e sempre se utiliza de referenciais do mundo real.

A instalação que Nassar apresenta no Galpão Bela traduz o processo criativo do artista e o seu olhar sobre a beleza e simplicidade das coisas do mundo. O trabalho exposto lhe chegou às mãos pronto, pois ele “achou” a situação que se tornou obra – uma escada que servia de apoio para um cano hidráulico, já posta no espaço. Toda a poesia dessa proposta reside, portanto, no fato de ela ser, na verdade, a apropriação de uma situação encontrada – e construída – pelo olhar sensível, experiente e atento de Emmanuel.

E
M
M
A
N
U
E
L

O **Coletivo Filé de Peixe** é um grupo carioca formado por Alex Topini, Fernanda Antoun e Felipe Cataldo desde 2006, que realiza ações de intervenção urbana com base no audiovisual e projetos de ocupação em espaços artísticos não convencionais. Além de mais de trinta ações em ruas, garagens e praças, podemos destacar em 2011: Performance Arte Brasil, Museu de Arte Moderna (MAM), Rio de Janeiro (RJ); 748.600 – Projeto Novos Curadores, Paço das Artes, São Paulo (SP); Festival Panorama – CorpoCópia, Cais do Porto, Rio de Janeiro (RJ). Em 2010: É Crédito ou Débito, Mostra SESC de Artes, São Paulo (SP); Performance: corpo | política | tecnologia, Brasília (DF); PIRATÃO: Vide Convergências, Rede Funarte Artes Visuais, Belém (PA); Jogos de Guerra, Memorial da América Latina, São Paulo (SP); Abre Alas, Galeria A Gentil Carioca, Rio de Janeiro (RJ); Abotoados pela Manga, São Paulo (SP); Arte 24 Horas, Sesc Noites Cariocas, Rio de Janeiro (RJ); SEU – Semana Experimental Urbana de Porto Alegre (RS); Colóquio “Outras Estéticas Possíveis”, Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ).

Desde 2009, desenvolve o projeto *PIRATÃO*, que ao modo e com preços praticados pelos camelôs piratas dos grandes centros urbanos comercializou mais de 6 mil vídeos de autores clássicos e recentes, da produção videoartística nacional e internacional. Dessa forma, o coletivo reproduz práticas do mercado informal de bens pirateados para dar inserção, visibilidade, acesso e circulação a trabalhos de videoarte. A ação artística do coletivo desdobra-se a partir da comercialização do objeto denominado ENCARTADOS, que são mídias DVD printable, com capas xerocadas em embalagem plástica e carimbadas manualmente, contendo vídeos reproduzidos do acervo do Coletivo Filé de Peixe. Contudo, são objetos que se mantêm únicos, pois recebem um carimbo de um número de série exclusivo, que evidenciam o processo caseiro da produção.

Para o TRAVESSIAS, o grupo prepara o projeto *VIDEOINSERÇÕES: Mostra + Combo + Ação*. Serão preparadas quatro programações de vídeos de artistas diversos, consagrados e jovens, para serem exibidas no Galpão Bela em sessões contínuas. A cada final de semana, esses programas serão renovados em lançamentos junto a ações de venda do Filé de Peixe. Após a ação, os programas exibidos na exposição ficarão disponíveis para compra em um camelô próximo ao local da exposição, junto com outros vídeos de artistas selecionados.

Henrique Oliveira nasceu em Durinhos, São Paulo, em 1973. Vive e trabalha em São Paulo. É mestre em Poéticas Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (2007), e graduado em Artes Plásticas, com bacharelado em pintura, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (2004). Exposições coletivas: Artists in Dialogue 2: Sandile Zulu and Henrique Oliveira, Smithsonian National Museum of African Art, Washington DC, EUA (2011); 29ª Bienal Internacional de São Paulo (2010); IX Bienal Monterrey FEMSA, Centro de las Artes, Monterrey, México (2009); 7ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre (2009); Nova Arte Nova, Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo (2009); Nova Arte Nova, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro (2008); Seja Marginal, Seja Herói, Galerie Vallois e Galerie Seroussi, Paris (2008); e Something from Nothing, Contemporary Arts Center, Nova Orleans (2008). Exposições individuais: Galerie Georges-Philippe & Nathalie Vallois, Paris, França (2011); Boulder Museum of Contemporary Art, Boulder, EUA (2011); Tapumes, Rice University Art Gallery, Houston (2009); e Temporada de Projetos, Paço das Artes e Galeria Baró Cruz, São Paulo (2008). Entre bolsas, residências e prêmios, destacam-se: Prêmio CNI SESI Marcantonio Vilaça para Artes Plásticas e Artist Research Fellowship (bolsa de pesquisa), Smithsonian Institute, Washington DC (2009); Cité Internationale des Arts, estúdio residência, Paris (2008); e Prêmio Festival de Cultura Inglesa, São Paulo (2007).

Henrique Oliveira é um artista que tem alcançado reconhecimento e visibilidade nos últimos anos, graças ao seu impressionante trabalho escultórico e instalativo com lâminas de madeira em estado bruto. Sua obra possui ao mesmo tempo visceralismo e sofisticação, pois é bruta visualmente, mas extremamente engenhosa como projeto de construção. Para esta ocasião, o artista construirá uma escultura de grandes proporções no pátio interno do Galpão Bela, a qual, por ser uma obra realizada para o local, é inédita e não reeditável – portanto, efêmera, apesar de suas dimensões.

Embora Henrique Oliveira tenha apresentado suas obras em galerias, museus e bienais importantes em diversas partes do mundo, em TRAVESSIAS será criado um diálogo quase que espontâneo com o entorno de casas de alvenaria e construções de aparência precária que são observadas. Sua obra explora uma visualidade normalmente associada a situações de descuido e desmantelamento para erguer monumentos de grande beleza e lirismo – ainda que carregados de agressividade.

Lucia Koch nasceu em Porto Alegre, RS, em 1966. Vive em São Paulo. É professora no curso de Artes Plásticas da FAAP e doutora em Poéticas Visuais pela ECA-USP. Participou das seguintes Bienais: Pontevedra (2000), Mercosul (1999, 2005 e 2011), Istambul (2003), Göteborg (2005), São Paulo (2006), Denver (Bienal das Américas, 2010) e Nagoya (Aichi Triennale, 2010) e Lyon (2011). Entre as exposições individuais, estão: Amostras de Arquitetura, Galeria Box 4, Rio de Janeiro (2011); Conjunto Nacional, São Paulo (2009); Correções de Luz, Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo (2007); e Matemática Espontânea, Torre Malakoff, Recife (2006).

A arquitetura sempre foi uma disciplina fundamental na trajetória de Lucia. Essa conversa se dá não só em fotografias, mas, antes, nos próprios espaços. Nesse tipo de obra, na qual a artista intervém com filtros de diferentes cores, a artista torna visível um “tempo do espaço”, pois o passar das horas e a mudança na luz vai modificar o olhar que se tem do entorno. E, ainda mais, a própria maneira que temos de experimentar um determinado lugar se transforma. O mesmo se torna diferente. Suas cores, sombras, luzes, temperaturas, tudo isso que nos atinge não só pelo filtro mental, mas também pelo físico mesmo, podendo modificar nosso humor. Nossa forma de estar no mundo se transmuta através das intervenções da artista.

Para TRAVESSIAS, Lucia apresenta o trabalho *Luz e Sombra na Maré*. A artista observou uma característica típica das construções da favela: a existência de coberturas de metal sobre as lajes. Trata-se de uma resposta dos próprios moradores na busca por proteção diante do sol escaldante do verão no Rio de Janeiro. Mas tais coberturas acabam por gerar um grande calor e tornam o ambiente escuro. Diante dessa observação, surge o trabalho: o experimento com coberturas-filtro que produzem sombras que não geram calor e formam diferentes campos de cor. Assim se dá a tentativa de instaurar uma outra experiência do espaço em que as pessoas vivem cotidianamente. No Galpão Bela, estão expostas fotografias – realizadas em parceria com fotógrafos locais, formados pelo Observatório de Favelas – que registram as mudanças de luz e sombra causadas pelas coberturas.

Marcelo Cidade nasceu em São Paulo em 1979. Formado em Artes Plásticas pela FAAP, participou da 27ª Bienal de Arte de São Paulo (2006). Entre as principais exposições, estão: *Moderne Cite II*, Le Grand Café Saint Nazaire Centre d'Art Contemporain, França (2006); *Farsite – Insite*, San Diego (2005); *O Corpo na Arte Contemporânea*, Itaú Cultural, São Paulo (2005); *Projeto Perambulação*, 2ª Bienal de Arquitetura de Roterdã, Holanda (2005); e *Viés*, Galeria Vermelho, São Paulo (2005).

Marcelo Cidade é um artista cuja obra sempre retrata, no seu início, a experiência do contexto no qual ela se dá, sejam o meio de arte e sua história, sejam as ruas da cidade de São Paulo, na qual o artista vive. Este diálogo a partir do lugar cria um outro lugar, que é a marca do encontro entre a realidade visível, chapada, e uma outra pensada, ou sonhada, imaginada. Nessa passagem, há sempre um agudo senso crítico e político. Político no sentido daquilo que diz respeito a muitos. Nos trabalhos desenvolvidos para o TRAVESSIAS, surgem duas características marcantes de sua obra: a relação entre formas tradicionais da arte e materiais do cotidiano, e intervenções que conversam com um âmbito alargado, buscando criar um ruído. O pneu derretido pode ser visto como uma peça escultórica, mas também faz uma alusão ao uso do mesmo em episódios de violência extrema.

Ao colocar nas ruas da Maré, próximas ao Observatório, LEDs que informam, em tempo real, o movimento da Bolsa de Valores, o artista toca na origem do problema que assola hoje o mundo e diz respeito a todos nós, mesmo que muitas vezes não nos demos conta. A forma como mercado e Estado se associariam na escalada do neoliberalismo, causando uma promiscuidade que deforma a origem da função do papel do Estado, é o cerne da questão aqui. Se, à primeira vista, tais informações, em um contexto como o da Maré, parecem completamente fora de esquadro, elas acabam por representar a ponta de um iceberg que tem consequências na vida diária de cada um de nós.

Marcos Chaves nasceu no Rio de Janeiro em 1961 e iniciou sua atividade artística na primeira metade dos anos 1980. Participou de Bienais como Manifesta7 – The European Biennial of Contemporary Art, Itália; 25ª Bienal Internacional de São Paulo, SP; 1ª e 5ª Bienais do Mercosul, Porto Alegre; 4ª Bienal de Havana, Cuba; e 3ª Bienal de Lulea, Suécia. Realizou exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior, em instituições e galerias como o Mori Art Museum, Tóquio, Japão; Martin-Gropius-Bau, Neuer Berliner Kunstverein (NBK) e Ludwig Museum, Alemanha; Galeria Lehmann Maupin, Nova Iorque, EUA; Fri-Art – Centre d’Art Contemporain de Fribourg, Suíça; Espace Topographie de L’Art, Paris, França; Vantaa Art Museum, Finlândia; Butcher’s Project, g39 e Northern Gallery, Reino Unido; Iziko South African National Art Gallery, África do Sul; Centro per l’Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália; MIS e Galeria Nara Roesler, São Paulo; IVAM e Galeria Blanca Soto Arte, Espanha; Galeria Laura Marsiaj, A Gentil Carioca, Progetti e Galeria Artur Fidalgo, Rio de Janeiro.

Marcos Chaves parte da fotografia para elaborar um universo que vai muito além da imagem fotográfica como suporte ou como tema. Trabalhando sobre os parâmetros da apropriação e da intervenção, sua obra é caracterizada pela utilização de diversas mídias, transitando livremente entre a produção de objetos, fotografias, vídeos, desenhos, palavras e sons. Com grande circulação dentro e fora do Brasil, o artista carioca é habilidoso em descobrir imagens de situações absolutamente ordinárias da vida urbana e ao brincar com o sentido das palavras. Assim, seja através da fotografia ou de sobreposições de textos e imagens, Chaves alcança um resultado poético cheio de provocações em que a ironia pode ser um elemento muito marcante.

Para TRAVESSIAS, Marcos Chaves prepara um projeto específico para a região da Maré, no qual pretende discutir amabilidade, cordialidade e inserção afetivo-social a partir de um jogo semântico com as frases “Amar é Complexo” e “Amar é Simples”. Desse modo, desenvolve uma série de peças gráficas com as frases estampadas em camisetas, faixas e adesivos, e intervêm no entorno do Galpão Bela chegando até a Avenida Brasil. Seu trabalho tem grande espectro de alcance, e é uma convocação aos espectadores-visitantes e habitantes do bairro a se engajarem em uma campanha pela afetividade como ferramenta de sensibilização do olhar e aproximação das pessoas.

Matheus Rocha Pitta nasceu em Tiradentes, Minas Gerais, em 1980. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Cresceu na cidade histórica de Tiradentes e mudou-se, quando adolescente, para a cidade serrana de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Passou a viver na cidade do Rio em 1999, quando então estudou História na UFF e Filosofia na UERJ. Em 2003, foi bolsista do Museu de Arte da Pampulha, em Belo Horizonte. Em 2007, ganhou a Bolsa Iberê Camargo, uma residência na Universidade do Texas, Austin, EUA. No mesmo ano, ganhou o Prêmio Aquisição do 14º Salão da Bahia. Entre as principais exposições individuais, destacam-se *Drive In*, Novembro Arte Contemporânea, Rio de Janeiro (2006) e *Jazida*, Galeria Millan, São Paulo (2007).

Sua obra é marcada por uma investigação de lugares marginais, tanto em suas dimensões físicas quanto simbólicas. O uso que faz da fotografia e do vídeo estabelece uma distância crítica entre os mesmos e seus possíveis referentes. Seu olhar fotográfico costuma seduzir-se por aquilo que já não aparece mais nas vitrines, nas conversas entre famílias, na agenda e nas políticas públicas.

Em TRAVESSIAS, o artista apresenta *Circular*, uma instalação-escultura realizada no interior de um ônibus fora de circulação, estacionado em frente ao Galpão Bela. O veículo, por sua vez, funciona como obra e espaço expositivo, ao ser ocupado internamente com o que o artista chama de “maquetes”. Estas são, na realidade, volumes montados com materiais e peças adquiridas no bairro, que ocupam os lugares dos passageiros nos bancos do ônibus.

Matheus, cuja obra é cercada de certa aura de mistério e estranheza, provoca nesse caso uma relação invertida na qual um ônibus aparentemente estático entra em movimento interiormente, posto que está carregado de objetos inanimados cheios de significados e memórias, que acionam metaforicamente uma movimentação quando são observados pelos espectadores que adentram o seu espaço. O espectador aqui é mais uma vez participante, pois ao atravessar o veículo se torna parte integrante do trabalho e lhe dá um novo significado. Proporcionando essa experiência, portanto, o artista permite que poeticamente o ônibus leve seu público para passear a cada vez que embarca em seu interior, cuja configuração é, ao mesmo tempo, estranha e repleta de familiaridade nos objetos que transporta.

Michel Groisman nasceu em 1972, no Rio de Janeiro, onde reside e trabalha. O artista desenvolve um trabalho que integra arte visual e jogos corporais, desenvolvendo equipamentos para serem utilizados com o corpo em performances, jogos e propostas interativas com o público. Recebeu o apoio de diferentes bolsas de pesquisa: RioArte (2004), Vitae (2002) e Uniarte da Faperj (2000), assim como do Programa Rumos Artes Visuais (1999) e Rumos Dança (2009). Foi premiado no 8º Salão da Bahia (2001) com o Prêmio “O Artista Pesquisador” do MAC de Niterói (2001), e nomeado para o Prêmio Rolex Mentor & Protégé Arts Initiative (2007). Seu trabalho vem sendo mostrado tanto em museus quanto em festivais de performance, teatro e dança: exposição Tempo, MoMA de Nova Iorque; exposição Don't Call It Performance, El Museo Del Barrio, Nova Iorque; II Bienal de Lima, Peru; Braaaaasil Festival, Centro de Arte Reina Sofía, Madri; La Batiê – Festival de Genève, Genebra; festival In Transit: the Berlin Lab, Alemanha; Encontros Acarte de Lisboa; VER, encontro de arte viva na ecovila Terra Una, Minas Gerais; e 29ª Bienal de São Paulo, São Paulo, entre outros. Recentemente, realizou projetos em quatro cidades dos EUA: Portland, Los Angeles, Burlington e Nova Iorque. Costuma desenvolver parcerias com outros artistas, como Gabriela Duvivier, Sung Pyo Hong e Nadam Guerra. Em 2012, sua Máquina de Desenhar irá integrar um encontro sobre arte e cooperação na Tate Modern, em Londres.

Michel Groisman tem se destacado em mostras e exposições no Brasil e no exterior por suas performances colaborativas que se colocam para o público-participante como verdadeiros jogos relacionais de troca lúdica e experiência sensorial. Sua pesquisa é desenvolvida a partir de estudos poéticos e práticos sobre o corpo e o movimento, e a interdisciplinaridade de seu trabalho o tem levado a se apresentar tanto em festivais de dança contemporânea como em mostras de artes visuais, entre outras iniciativas. Para Travessias, Michel Groisman traz a sua Máquina de Desenhar, que consiste em um aparato que produz desenhos abstratos a partir do movimento corporal dos participantes que se relacionam dentro da máquina.

Raul Mourão nasceu no Rio de Janeiro, em 1967. Estudou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Sua obra abrange a produção de desenhos, esculturas, vídeos, fotografias, textos, instalações e performances.

O ano de 2010 foi de transição para a obra de Raul Mourão. Inspirado em experiências que integrantes do grupo de acrobacia Intrépida Trupe desenvolviam com algumas de suas esculturas da série *Grades*, para apresentação do espetáculo *Coleções*, Raul percebeu a possibilidade de criação de esculturas cinéticas. O que marcou esta transição foi a apresentação da instalação *Passagem* em março, na Caixa Cultural RJ. Mourão apresentou, no mesmo ano, as esculturas cinéticas em três exposições individuais: *Balanço Geral*, *Atelier Subterrânea*, Porto Alegre; *Cuidado Quente*, Galeria Nara Roesler, São Paulo; e *Chão, Parede e Gente*, LURIXS: Arte Contemporânea, Rio de Janeiro.

O trabalho de Raul Mourão é derivado de um diálogo intenso com a cidade, seja aquela dos botecos, a dos ambulantes que vendem bebida em isopores e criam novas formas ao adorná-los, aliando estética e utilidade; seja a do futebol, de onde ele retira o movimento para ficar com as formas estáticas. Ou as setas de sinalização de obras urbanas, vermelhas, que hoje vemos na exposição do TRAVESSIAS. Trabalhos que, intencionalmente, se confundem com a paisagem do lugar e com a sinalização da própria mostra. É um ready-made, ou seja, algo que já existe no mundo e é apropriado pelo artista, ganhando uma nova significação. Chamando atenção para o local que abriga a exposição, localiza-se na rua, em frente ao espaço expositivo, de forma a se confundir com a visualidade daquela região. Dentro do Galpão Bela, o artista exhibe esculturas nas quais as ideias de inércia e movimento são postas em obra de maneira, a um só tempo, vigorosa e sutil. Algo pesado, inerte, que evoca paralisia, tem a capacidade de se movimentar, gerando um leve e constante balanço. Com um apelo lúdico, Raul Mourão apresenta trabalhos de dimensões públicas, mas que tocam a cada um de maneira delicada e poética.

Ricardo Carioba, nascido em 1976, é paulista, vive e trabalha em São Paulo. Artista plástico e compositor de música eletrônica, realizou exposições individuais nas seguintes instituições: Museu da Imagem e do Som (MIS), Galeria Vermelho, Casa Triângulo, Centro Cultural São Paulo e Paço das Artes, em São Paulo; Oi Futuro, no Rio de Janeiro; e Gallery 33, em Londres. Participou de diversas mostras coletivas, como Panorama de Arte Brasileira, MAM-SP, São Paulo (1999); Imagética, Solar do Barão, Curitiba (2003); Salão da Bahia, Salvador (2005); Em Torno de Operações Mentais, Instituto de Ciências da Arte de Belém (2006); e O Lugar Dissonante 47^o Salão de Artes Plásticas de Pernambuco, Recife (2009). Seus projetos de música eletrônica foram apresentados em São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Londres e Nova Iorque.

Ricardo Carioba não articula em sua obra representações diretas da realidade. Não existe ali um tema, uma narrativa, ou mesmo índices que propiciem traçar linhas retas entre o trabalho e o que nos rodeia. É preciso imaginar e colocar em cena a tarefa da tradução (sempre deflagrada no contato com a arte) para que possamos acompanhar o que nos é ofertado. Estamos diante de tramas que procuram provocar sutis estados sensoriais naqueles que olham.

No trabalho realizado para o TRAVESSIAS, o artista cria uma instalação que reúne som e imagem. A obra teve início com a ideia de realizar algo em um lugar escuro e abandonado, a sala do Galpão no qual é exibido o trabalho. No entanto, quando entramos no espaço, em vez de claustrofobia e escuridão, temos uma paisagem ampla, formada por cores e um som que, de alguma forma, traduz a aparição das imagens, e vice-versa. Uma respiração se dá, e com ela uma escuta do lugar. Um som é uma escuta de um lugar, sua tradução. Cores cumprem igualmente esse papel. Note-se que ambos contêm um alto grau de abstração, mas possuem uma forte capacidade de nos atingir sensorialmente, ativando nossa capacidade simbólica. O que nos traz um vermelho, um azul? O que nos faz sentir um som agudo que se estende até desaparecer no silêncio? Cabe a cada um de nós completar o trabalho. É com esse olhar e essa escuta para as entrelinhas – lembrando “que a vida não é só isso que se vê / é um pouco mais / que os olhos não conseguem perceber / e as mãos não ousam tocar / e os pés recusam pisar” –* que podemos apreender o significado da narrativa lúdica de Ricardo Carioba.

* Versos de “Sei lá, Mangureira”, composição de Paulinho da Viola e Hermínio B. de Carvalho.

Rochelle Costi nasceu em Caxias do Sul, RS, em 1961. Fotógrafa e artista multimídia, o ato de colecionar está na raiz de seu processo de trabalho. Resgatar o sentido de matérias e objetos banais é uma das operações postas em obra pela fotografia de Rochelle Costi. Formada em Comunicação Social pela PUCRS, em 1981, no ano seguinte, frequentou ateliês de arte na Escola Guignard e um curso de extensão sobre processos fotográficos do século XIX na UFMG, em Belo Horizonte. De volta a Porto Alegre, fez instalações com fotografias e objetos que colecionou, tais como cinzeiros, malas, vidros e lâmpadas. Em 1983, realizou a mostra individual Tentativa de Voo, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS) e, a partir de então, expôs em outros estados do Brasil. Nessa época, atuou como fotógrafa de teatro e música. Em 1988, mudou-se para São Paulo, onde trabalhou com fotografia editorial. Viveu em Londres entre 1991 e 1992, período em que estudou na Saint Martin School of Art e na Camera Work. Participou da 24^a Bienal Internacional de São Paulo, em 1998, e das 6^a e 7^a Bienais de Havana, em 1997 e 1999, entre outras mostras internacionais. Em 1997, recebeu o Prêmio Marc Ferrez de Fotografia da Funarte e, três anos depois, a Bolsa de Artes da Fundação Vitae.

Stand, instalação de Rochelle Costi, contém elementos recorrentes na obra da artista: a fotografia como meio privilegiado para se registrar a memória, o ímpeto de arquivista antropóloga, que pesquisa, escolhe e cataloga, e ainda a presença de uma iconografia singela, que remete a situações cotidianas, da vida privada, doméstica e familiar, e que, ao mesmo tempo, ecoa uma dimensão pública.

Ao se deparar com o Galpão que abriga a exposição TRAVESSIAS, ainda repleto de máquinas e vestígios de sua antiga função, a de uma fábrica de produtos de papel e plástico, a artista iniciou um processo de pesquisa e catalogação do lugar. *Stand* reúne uma memória do espaço que passa hoje por uma transição, de uma antiga fábrica para um centro de arte contemporânea. Fazendo uso dos copos e pratos ali produzidos, instalados na forma de móveis, das fotos 3×4 de várias fases da vida do dono da antiga fábrica e das letras em acrílico, a artista constrói um pequeno museu lúdico que realiza a ponte entre o que era aquele espaço e o seu presente destino. Sabendo que memória e resistência são irmãs, Rochelle Costi dá uma nova vida para aquilo que estava condenado ao desaparecimento, construindo assim um novo lugar, que olha para o futuro sem esquecer do seu passado.

TRAVESSIAS abriu uma chamada para o envio de propostas de artistas que atuam ou desenvolvem um trabalho ligado à Maré, que resultou na participação dos artistas a seguir:

O Coletivo Pandilla Fotográfica atua desde 2009 e é formado pelos fotógrafos Américo Júnior, Bruno Moraes e Leonardo Melo, com o intuito de criar intervenções por meio da manipulação da imagem fixa. O objetivo do grupo é partilhar experiências sobre o conceito e o ato de fotografar, na intenção de criar imagens que dialoguem com a sociedade. Entre suas produções, destacam-se *Emojubá: É Festa de Quimbandeiro*, *Viver - Ensinar e Aprender* e *3/4 - Ensaio Sobre a Água*.

Em TRAVESSIAS, o coletivo apresenta o projeto *Vai e Volta*, que visa expor uma fração do ensaio fotográfico *3/4*, elaborado em 2010. O grupo mostra um conjunto de dez fotos, encenadas, que falam sobre o uso, material ou simbólico, da água pelo ser humano, tendo como suporte as motocicletas do Moto Táxi da Teixeira. A concepção desta exposição/intervenção busca dialogar com um elemento fundamental da dinâmica na comunidade da Maré - os moto táxis. Parte integrante da cultura da favela, este modo contemporâneo de transporte se ajusta à ideia de travessia, estabelecida como marco da inauguração do espaço Bela. As fotos literalmente atravessarão o território por meio das motos-suportes, proporcionando a circulação do material artístico.

P
A
N
D
I
L
L
A
F
O
T
O
G
R
Á
F
I
C
A

Davi Marcos é fotógrafo e videomaker. Formado pela Escola de Fotógrafos Populares em 2006, participou de exposições no Parque Lage, Palácio do Planalto, CCBB, Caixa Cultural, SESC-Rio, Canning House (Londres), e teve fotos publicadas na revista *Expresso*, *Revista do IDEC*, *Revista de Domingo* (do jornal *O Globo*), revista *Global* e revista *AntiLipseis* (número "Transportation", 2009), que gerou uma participação em uma exposição na Grécia. Trabalhou no longa-metragem *5X Favela*, ajudando na elaboração do roteiro e também como fotógrafo still. Foi instrutor de fotografia do projeto Memórias do PAC em Manguinhos, do Projeto Rebelião Cultural nos presídios de Bangu 2, 3, 4 e Talavera Bruce, assim como no Degase, que originou a exposição *Sonhos Velados*, na Casa de Cultura Laura Alvim.

Em TRAVESSIAS, fará uma série de quatro fotografias a serem ampliadas em grande formato próximo à escala humana (1,80 x 1,20 m). As imagens, que mostram pessoas e cenas da Maré, serão colocadas em locais de grande fluxo de circulação, no quadrilátero próximo ao Galpão Bela, compreendido a partir da Rua Teixeira Ribeiro. O artista pretende trazer imagens que mostrem um lado da Maré até então não veiculado pelos jornais. A dimensão das imagens impacta e proporciona um embate direto com o transeunte, que também é público.

D
A
V
I
M
A
R
C
O
S

OFICINA DE MÓV

ELIS

TRAVESSIAS
-ARTE CONTEMPORÂNEA NA MARÉ
CONVIDA PARA A OFICINA DE CONSTRUÇÃO DE MÓVEIS:
QUINTA-FEIRA

PSICOGRAFA

ENZO MARI



17/11/2011

09-13H GRUPO 1

14-18H GRUPO 2

VAGAS LIMITADAS

INSCRIÇÕES ATÉ 11/11:

LUISAHARDMAN@AUTOMATICA.ART.BR

Para o mobiliário de suporte necessário ao TRAVESSIAS, foi feita uma oficina de construção de móveis organizada pelo escritório de design Quinta-feira no dia 17 de novembro de 2011. Foram construídas mesas, cadeiras e bancos.

O princípio construtivo e a maior parte dos modelos vêm da publicação do designer italiano Enzo Mari, chamada *Autoprogettazione?*, de 1974. Nela, o designer revela esquemas de móveis de fácil construção usando pedaços de madeira sem acabamento e pregos. Na introdução de seu livro, Enzo Mari autoriza e estimula todos, com exceção de fábricas e comerciantes, a usar seus esquemas para construir móveis para uso próprio.

A partir da simplificação de materiais e técnicas, o autor pretende ensinar qualquer pessoa a olhar para a presente produção de objetos com um olhar crítico. Dessa forma, os produtos finais deste projeto, apesar de úteis, são importantes principalmente por seu valor educativo.

Participantes

Camila do Nascimento

Carolina Wambier

Duda Estrella

Fábio Arruda

Felipe Reis

Fernanda

Filipe Jardim

Jovens do Instituto Vida Real

Marc Van Lengen

Matheus Martins Moraes

Miguel Nóbrega

Pedro Moraes

Phil Canedo

Renata Santana

Robson Pedro

Tamires de Oliveira

Vivian Melchior

Wallace

Willian Adermon

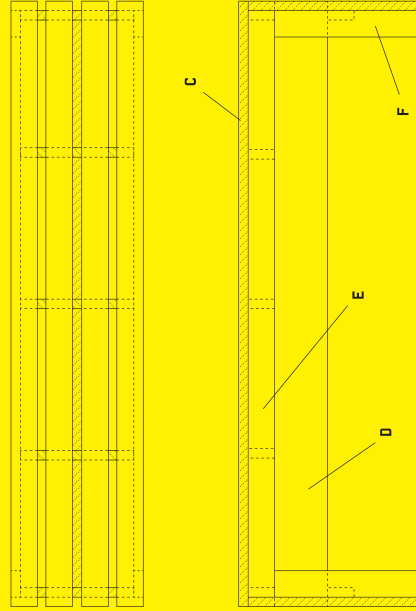
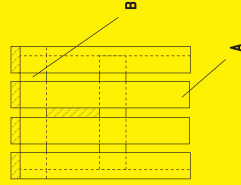
E todos os outros que não assinaram a lista de presença, mas se divertiram igualmente.



A 8 PEÇAS DE 045 X 007 X 02,5 CM
B 7 PEÇAS DE 030 X 007 X 02,5 CM
C 4 PEÇAS DE 160 X 007 X 02,5 CM
D 1 PEÇAS DE 160 X 014 X 02,5 CM
E 2 PEÇAS DE 155 X 007 X 02,5 CM
F 4 PEÇAS DE 038 X 007 X 02,5 CM

BANCO TRAVESSIAS

DESIGN: QUINTA-FEIRA - DUDA ESTRELLA, PEDRO MORAES, WALLACE A PARTIR DE "AUTOPROGETTAZIONE?" DE ENZO ANGILERI. 2011



PROGRAMAÇÃO

Quinta-feira, 17
de novembro

*Oficina de construção de mobiliário para o Galpão Bela baseada no método construtivo do designer italiano Enzo Mari. Ministrada pelo escritório de design Quinta-feira.

9–12h30
Grupo 1

13h30–18h30
Grupo 2

*Inscrições no Portal Bela Maré:
www.belamare.org.br

Sábado, 26
de novembro

ABERTURA

17h
Mesa de abertura com os curadores Daniela Labra, Frederico Coelho e Luisa Duarte.

19h
Festa de abertura: DJs Arthur Miró, Coisa Fina e Saens Peña (Festa Phunk!) e DJ Surpresinha.

Sábado, 3
de dezembro

16h–18h
Performance do artista Alexandre Sá.

18h–20h
Mesa com a participação dos artistas Matheus Rocha Pitta, Coletivo Filé de Peixe e Alexandre Sá. Mediação: Daniela Labra.

Domingo, 4
de dezembro

16h
Conversa na exposição com Daniela Labra.

Sábado, 10
de dezembro

13h–17h30

*Workshop de
fotografia com
Rochelle Costi.

17h–19h

Mesa com a
participação dos
artistas: Lucia
Koch, Raul Mourão
e Marcelo Cidade.
Mediação:
Frederico Coelho.

20h

Show do Chelpa
Ferro.

Domingo, 11
de dezembro

15h–17h

Performance
Máquina de
Desenhar, do
artista Michel
Groisman.

17h

Conversa na
exposição
com Frederico
Coelho.

Sábado, 17
de dezembro

ENCERRAMENTO

15h–17h

Mesa com a
participação
dos artistas:
Marcos Chaves e
Ricardo Carioba.
Mediação: Luisa
Duarte.

17h19h

Performance
Sirva-se, de
Michel Groisman.

20h–22h

Festa com DJs,
Vjs e
performances

Domingo, 18
de dezembro

16h

Conversa na
exposição
com Luisa Duarte.

Realização

O Observatório de Favelas (OF) é uma organização social de pesquisa, consultoria e ação pública dedicada à produção do conhecimento e de proposições políticas sobre as favelas e fenômenos urbanos, fundada por moradores das periferias e favelas cariocas. Localizada na Maré, a instituição se dedica a construir um projeto de cidade sustentado no reconhecimento e legitimação das diferenças e na afirmação da igualdade de exercício da dignidade humana. Os conceitos, metodologias, estudos e proposições políticas do OF têm o direito à cidade como princípio condutor. O Projeto Bela Maré é uma expressão das possibilidades de afirmação da riqueza dos encontros na cidade, tendo a cultura como eixo central para a ressignificação das práticas sociais e das formas como as favelas são representadas e reconhecidas.

Parceria

A Redes de Desenvolvimento da Maré (Redes) é uma organização da sociedade civil que se dedica a promover a construção de uma rede de desenvolvimento sustentável, voltada para a transformação estrutural do conjunto de favelas da Maré. Busca produzir conhecimento referente aos espaços populares e realizar ações com o intuito de interferir na lógica de organização da cidade e contribuir para a superação das desigualdades. O Núcleo Experimental de Educação e Arte MAM-RJ é formado por uma equipe de artistas, educadores e produtores culturais que atuam no sentido de ressignificar o MAM como lugar de criação coletiva e território de compartilhamento de múltiplas vozes, onde são pensadas de forma experimental as relações entre produção artística moderna e contemporânea, patrimônio cultural e o papel histórico e simbólico do museu na cidade do Rio de Janeiro.

Destaca-se na filosofia do Núcleo a realização de ações artísticas e educativas para públicos variados, que incentivem novas leituras de mundo a partir de mediações experimentais, criando percursos relacionais entre as exposições e a arquitetura do MAM, em diálogo com a sociedade.

Por meio de propostas transversais, são desenvolvidas ações dentro e fora do museu, de forma continuada e em parceria com diferentes organizações sociais, ampliando os sentidos do MAM no século XXI e sua participação no processo contínuo de mudanças que marcam a trajetória da arte na sociedade contemporânea.

Realização

A Espiral é uma casa de criação onde se encontram pessoas, ideias e experimentações. Em especial aquelas que trabalham nas convergências entre cultura, comunicação e educação, dedicadas à compreensão e aplicação de conceitos da sustentabilidade e atuantes na criação, produção e gestão de projetos de música, cinema, e arte contemporânea. Entre suas realizações recentes estão o *São João Carioca* (com Gege Produções e Globo Rio); a série de filmes de arte *Destricted.br* (coprodução Galeria Fortes Vilaça); os documentários longa-metragem *A música segundo Tom Jobim* (coprodução Regina Filmes) e *O mistério do samba* (com Conspiração Filmes); e o planejamento e gestão do projeto de *Universidade das Quebradas* (PACC/UFRJ).

Realização e Produção

Automatica atua na elaboração, produção, gestão, coordenação, pesquisa, edição e consultoria de projetos culturais, especialmente vinculados ao universo das artes visuais. Sua missão principal é aproximar o público da arte contemporânea brasileira. Algumas de suas produções mais recentes: exposições Georg Baselitz – Pinturas Recentes e Carlito Carvalhosa – A Soma dos Dias, Pinacoteca do Estado de São Paulo (2010); exposições José Bechara – Fendas e Carlos Vergara – A Dimensão Gráfica, MAM-RJ (2009-2010); exposição Hélio Oiticica – Museu É o Mundo (2010); exposições Caio Reiszewitz – Parece Verdade e Regina Silveira – Linha de Sombra, CCB-BR (2009-2010); e coleção de livros ARTE BRA (2007-2011). A coordenação geral da empresa encontra-se sob a responsabilidade de Luiza Mello.

Curadores

Daniela Labra é curadora e crítica de arte, doutoranda em História e Crítica de Arte pelo PPGAV/EBA-UFRJ. Curadorias selecionadas: Festival Performance Arte Brasil, MAM-RJ, Rio de Janeiro (2011); Performance Presente Futuro Vol. I, II e III, Oi Futuro, Rio de Janeiro (2008-2010); VERBO, Galeria Vermelho, São Paulo (2005-2007); Investigações Pictóricas, MAC Niterói, RJ (2009); Espaços Reversíveis, Museu Histórico de Santa Catarina (2008); Fabulosas Desordens, Caixa Cultural, Rio de Janeiro (2007); e Perambulação, 2ª Bienal Internacional de Arquitetura de Roterdã (2005). Membro editorial da

Revista Número (2003-2010), editou a série de livros *Performance Presente Futuro* (Oi Futuro, 2009-2011) e é autora do livro *Wanda Pimentel* (MAC Niterói, 2010). Mantém o site: www.artesquema.com. Frederico Coelho é pesquisador, ensaísta e professor de Literatura Brasileira e Artes Cênicas da PUC-Rio. É doutor em literatura pela PUC-Rio e mestre em história pelo IFCS/UFRJ. Foi assistente de curadoria do MAM-RJ (2009-2010). Já escreveu textos sobre trabalhos de artistas como Raul Mourão, Carlos Vergara, Domingos Guimarães, Gabriela Machado, Cabelo, entre outros. Organizou o livro *Museu de Arte Moderna - arquitetura e construção* (Cobogó, 2010) e publicou os livros *Eu brasileiro confesso minha culpa e meu pecado - cultura marginal no Brasil das décadas de 1960 e 1970* (Civiliização Brasileira, 2010) e *Livro ou livro-me - os escritos babilônicos de Hélio Oiticica* (EdUERJ, 2010).

Luisa Duarte é crítica de arte e curadora independente. Mestre em filosofia pela PUC-SP, é membro do conselho consultivo do MAM-SP e do conselho de projetos da EAV do Parque Lage, além de crítica de arte do jornal *O Globo*. Lecionou na Faculdade Santa Marcelina (2008-2009) e foi membro do grupo de críticos do CCSP (2007-2010). Foi curadora dos seguintes projetos: Um Outro Lugar, MAM-SP (2011); O Desvio É o Alvo, em dupla com Fernando Oliva (2011); e Projeto Individual América Latina, da feira ARCO, Madri (2011). Coordenou o ciclo de conferências "A Bienal de São Paulo e o Meio Artístico Brasileiro - Memória e Projeção", 28ª Bienal de São Paulo, 2008, e fez parte da comissão curatorial do Programa Rumos Artes Visuais, Itaú Cultural, 2005-2006.

Arquitetura

A empresa RUA Arquitetos surge da associação de Pedro Évora e Pedro Rivera. Desde 2008, o escritório realiza projetos de naturezas distintas, atuando em grandes planos urbanos, no desenho de espaços culturais, residências, design de eventos, exposições, curadoria ou instalações de arte. A RUA aposta em parcerias no desenvolvimento de conceitos e novas soluções e acredita no poder da arquitetura, da cidade, do desenho e das ideias. Pedro Évora graduou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ (FAU/UFRJ) em 2003. Foi professor na mesma faculdade entre 2007 e 2009 e atualmente é professor de projeto na PUC-Rio e mestrando pelo PROURB/UFRJ. Pedro Rivera graduou-se em 1997 na FAU/UFRJ, tem

mestrado em Urbanismo no PROURB e foi professor da Universidade Estácio de Sá entre 2005 e 2009. Atualmente é professor da PUC-Rio e diretor do Studio-X Rio/GSAPP Columbia University.

Design Gráfico

Quinta-feira, bom dia. Há muito tempo os números não são usados apenas para contar e calcular; começaram a ser apreciados também por suas propriedades intrínsecas. Números existem independentemente do mundo palpável, e seu estudo não é afetado pelas incertezas da percepção. Quinta-feira traduz o mundo natural em números e vice-versa, tentando construir mundos para além da natureza. Resultados podem ser vistos em: www.quinta-feira.org.

Desenvolvimento do Website Portal Bela

Felipe Vaz é consultor em comunicação digital e coordenador do Instituto Overmundo. Mestre em Tecnologias e Estéticas da Comunicação pela UFRJ, é responsável pelo projeto e desenvolvimento do site Overmundo, comunidade colaborativa voltada para a cultura brasileira, premiado com o Golden Nica do Festival Ars Electronica em 2007. Foi diretor da produtora Tecnopop e gerente das produtoras Canvas e Raven10, com premiações iBest e Colunistas-Rio. É professor de novas mídias e palestrou no iSummit de Dubrovnik e no Salzburg Global Seminar. Seus projetos incluem a coordenação de mídias sociais da campanha de Marina Silva à Presidência, o site do Festival Back2Black, o Portal Literal e o pioneiro site de discografias e biografias Cliquemusic.

Edição de Conteúdo para o Portal Bela

Joca Vidal começou a escrever conteúdo digital (foto e texto) em 2002, quando integrou o *staff* da revista eletrônica *MOOD*, uma das pioneiras da internet. Durante cinco anos, atuou na redação e cobertura oficial do Festival Humaitá Pra Peixe. Trabalha como assessor de imprensa e é sócio da Binômio Comunicação, referência na divulgação de eventos culturais e de arte e tecnologia. Lançou, com Frederico Coelho, o livro *DJs* (Editora Circuito, 2010). Em parceria com a Oz Comunicação, produziu conteúdo digital e fez a cobertura oficial da ArtRio em 2011. Atualmente atende clientes como o Festival Multiplicidade, Festa Phunk! e o coletivo de DJs Eletrobase, entre outros. Também desenvolve trabalho

como DJ e produtor artístico, além de produzir *music branding* para empresas.

Assessoria de Imprensa

A CW&A Comunicação foi fundada em 1994, criando estratégias de comunicação para marcas institucionais, produtos e ideias, com forte atuação em eventos culturais. Entre seus principais trabalhos, destacam-se as exposições: Andy Warhol TV, Oi Futuro, Rio de Janeiro e Belo Horizonte (2011); Flie Games, Oi Futuro, Rio de Janeiro (2011); Hélio Oiticica - Museu É o Mundo, itinerante (2010); Horizonte Construído, MAM-RJ, Rio de Janeiro (2010-2011); Performance Presente Futuro Vol. III, Oi Futuro, Rio de Janeiro (2010); Islã, CCBB, Rio de Janeiro (2010); e Nuno Ramos - Fruto Estranho, MAM-RJ, Rio de Janeiro (2010).

F I C H A T
C H A C
T É N I C A

Artistas
Alexandre Sá
André Komatsu
AVAF
Chelipa Ferro
Davi Marcos
Emmanuel Nassar
Filé de Peixe
Henrique Oliveira
Lucia Koch
Marcelo Cidade
Marcos Chaves
Matheus Rocha Pitta
Michel Groisman
Pandilla Fotográfica
Raul Mourão
Ricardo Carioba
Rochelle Costi

Curadores
Daniela Labra
Frederico Coelho
Luisa Duarte

Direção Executiva
Leticia Monte

Coordenação de Produção
Luiza Mello

Produção
Automatica
Ana Hupe
Ana Paula Vulcão
Arthur Moura
Luisa Hardman
Mariana S. Mello

Produção Editorial
Automatica
Marisa Mello

Arquitetura
RUA Arquitetos
Pedro Évora
Pedro Rivera

Design Gráfico
Quinta-feira
Duda Estrella
Pedro Moraes
Wallace

Mobilização Comunitária
Redes de
Desenvolvimento da Maré
Direção Geral
Eliana Silva
Coordenação
Dudu Azevedo

Programa Educativo
Realizado em parceria com o
Núcleo Experimental de
Educação e Arte MAM-RJ/
Instituto Mesa
Coordenadora Pedagógica
Janis Clémen
Coordenadora de
Ações e Conteúdo
Mara Pereira
Pesquisa Núcleo Experimental
de Educação e Arte do MAM-RJ
Renata Montechiare

Coordenadora do
Programa de Formação
Isabella Porto
Assistente da Coordenação
do Programa de Formação
Suelen Brito
Mediadores
Carlos Lima
Marcia Pereira
Mediadores em Formação
Alessandra Alves
Alessandra Pinheiro
Daniel Remilik
Flávia Coelho
Gilson Jorge
Juliana Alfredo
Núbia Alves
Sandra Tomé

Desenvolvimento do
Website Portal Bela
Felipe Vaz

Edição de Conteúdo
do Portal Bela
Joca Vidal

Assessoria de Imprensa
CW&A Comunicação

Registro Fotográfico
Imagens do Povo

Registro Audiovisual
Cadu Barcelos
Wagner Novais

Iluminação
Samuel Betts | BLight

Observatório de Favelas
Coordenação Geral
Jailson de Souza e Silva
Jorge Barbosa
Coordenação Executiva
Mario Pires
Elionalva Sousa Silva
Assistente de Produção
Mobilização Comunitária
Aline Santos
Coordenação Financeira
Erasmoo C. de Oliveira Castro
Comunicação Institucional
Cecília Oliveira
Raika Moisés
Thiago Ansel
Assistente de Comunicação
Renato Cafuso

Coordenadora do Programa
Imagens do Povo
Joana Mazza

Patrocínio



Realização



Realização e Produção



Parceria



Apoio



